

# Trajatórias e Movimentos do Coletivo Intercambiantes Brasil no Campo da Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas

**Trajectories and Movements of the Coletivo Intercambiantes Brasil in the Field of Mental Health, Alcohol and Other Drugs**

Antonio Nery Filho<sup>I</sup>, Eroy Aparecida da Silva<sup>II</sup>, Patrícia Maia von Flach<sup>III</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar a história, trajetórias e movimentos do Coletivo Intercambiantes Brasil nos campos da Saúde Mental, álcool e outras drogas, sob a perspectiva contra hegemônica e emancipatória com as pessoas que habitam as ruas, valorizando as possibilidades dos encontros potentes e transformadores.

**Palavras-chave:** Intercambiantes Brasil; Substâncias psicoativas; Gente de rua; Redução de danos.

## Abstract

This article aims to present the history, trajectories and movements of Coletivo Intercambiantes Brazil in the fields of Mental Health, alcohol and other drugs, from the perspective of hegemony and emancipation with the people who inhabit the streets, valuing the possibilities of powerful and transforming encounters.

**Keywords:** Intercambiantes Brasil; Psychoactive substances; Street people; Harm reduction.

<sup>I</sup> Antonio Nery Filho (antonioneryfilho@gmail.com) é médico psiquiatra, Doutor em Sociologia e Ciências Sociais pela Université Lumière Lyon 2 (França). Professor Aposentado da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (FAMEB/UFBA), Fundador e Coordenador do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas desta universidade (CETAD/UFBA), Professor-Convidado da Escola Superior da Defensoria Pública da Bahia (ES-DEP), criador do Consultório de Rua e idealizador do Coletivo Intercambiantes Brasil.

<sup>II</sup> Eroy Aparecida da Silva (eroyntc@gmail.com) é psicóloga pela UniPaulistana; psicoterapeuta familiar e comunitária pela Pontifícia Universidade Católica-PUC-SP; Especialista em Psicologia Social e do Trabalho, Instituto Sedes Sapientiae, Doutora em Ciência pelo Departamento de Psicobiologia Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Psicóloga da Associação Fundo de Pesquisa (AFIP) e Ativista Social na área de direitos humanos, colaborando com vários coletivos que trabalham com pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo.

<sup>III</sup> Patrícia Maia von Flach (patriciavonflach@gmail.com) é psicóloga pela Faculdades Integradas Ruy Barbosa (FIRB) e assistente social pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Especialista em Saúde Mental pela UFBA, Mestre e Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde Coletiva desta universidade (ISC/UFBA), implementadora e ex-coordenadora de CAPS ad em Salvador, do Ponto de Encontro e do Ponto de Cidadania e atua na Equipe de Saúde Mental e Direitos Humanos da Defensoria Pública da Bahia (DPE-BA).

*“Eu considero que [como] o exemplo de João Pequeno, e outros [...], a nossa missão, a minha missão não está terminada. Eu tenho que continuar a dar meus esforços para a coletividade. E nesse sentido, eu quero chamar então a atenção com uma frase popular também. Foi de uma senhora, analfabeta até 50-60 anos, prostituta no Nordeste [...] e [que] escreve uma poesia chamada ‘Eu Sou’. Começa com esta frase: ‘Sou um pra trás que não tem pra frente. E sou o veloz da carreira que não houve [...] mas eu sou a força maior do pensamento’ [...]. E eu queria dizer então o seguinte: eu me considero um pra trás, com 86 anos, mas que ainda quero ter um pra frente e o terei [...]. É o que todos nós somos, a força maior do pensamento que evidentemente haverá de continuar, por quanto tempo eu não sei, mas que haverá de ser o bastante para mim”<sup>IV</sup>.*

(Elisaldo Carlini; 2015)

<sup>IV</sup> Fragmento do discurso pronunciado na cerimônia de entrega do título de Professor Emérito da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em abril de 2015. Luiz Elisaldo Carlini nasceu em Pirajá, em 09 de junho de 1930 e faleceu em 16 de setembro de 2020, em São Paulo. Pioneiro no estudo da Cannabis sativa no campo medicinal (maconha medicinal), formou gerações de pesquisadores, fundou o Centro Brasileiro de Estudos Sobre Drogas (CEBRID) da Escola Paulista de Medicina da Universidade de São Paulo (EPM/UNIFESP). Representou o Brasil em Organizações Internacionais e foi homenageado com diversos títulos honoríficos. Intransigente na defesa dos mais vulnerados, não recuou diante das adversidades. Seus ensinamentos farão parte da história da Medicina e da Farmacologia brasileiras.

## Introdução

A orientação central deste trabalho consiste no relato histórico e crítico do Coletivo Intercambiantes Brasil, através de seus movimentos de resistência, das conquistas e desafios travados em diferentes tempos e espaços sócio-político-institucionais, considerando a atual conjuntura política do Brasil, e instigados pelas vozes da rua, dos hospícios, das prisões, dos guetos, das periferias, das fronteiras, cujos históricos muros coloniais de dominação – reais e simbólicos – apenas serão derrubados na articulação ética e bioética entre todas as gentes e todos os saberes, assim emancipatórios e geradores de justiça e liberdade.

Para tanto, nos apoiaremos, inicialmente, nos trabalhos contra-hegemônicos de diversos autores do campo das Ciências Sociais e Políticas, a exemplo de Boaventura de Sousa Santos, sociólogo ativista dos Direitos Humanos na luta contra a globalização neo-liberal e seus efeitos perversos.

A história dos Direitos Humanos deve ser refletida e tornada experiência compreendida, através dos seus momentos luminosos e, também, obscuros, marcados pela contradição de ser, por um lado, a linguagem e a referência de luta para todos os excluídos de oportunidades sociais na defesa de uma sociedade mais justa e mais pacífica; e, por outro, pelo instrumento de opressão capitalista e colonialista na manutenção de uma sociedade cada vez mais desigual. Ao longo da história das lutas humanas no campo dos direitos, desde o século XVI - que certamente refletem o jogo de correlação de forças pelo poder no mundo -, tratados e convenções internacionais foram sendo construídos, entre avanços e recuos no campo de alcance dos direitos civis, políticos, sociais, econômicos e culturais para as minorias mais invisibilizadas – como os povos

indígenas, afrodescendentes, mulheres, LGBTQI+, dentre outros – tornando-se, após a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 10 de dezembro de 1948 (que não é em verdade universal, mas eurocêntrica) – a referência na luta pelo direito à vida digna para todos os humanos<sup>1</sup>.

Apesar das vitórias e conquistas, no campo social, as derrotas também são grandes e geradoras de um contexto de medo do presente e da desesperança em relação ao futuro, principalmente com o fortalecimento incontestável do neoliberalismo, que ataca os direitos econômicos e sociais, bem como da emergência da extrema-direita em todo o mundo, pondo em risco os direitos civis e políticos. Imersos numa crise econômica sem fim e em meio a uma pandemia causada por um vírus desconhecido – o novo coronavírus e sua consequente doença, a COVID 19 – os trabalhadores são cada vez mais destituídos de direitos, os povos de diversas culturas são alvo de mais preconceitos e violências; as mulheres e as pessoas LGBTQI+ são vítimas constantes de agressões simbólicas e reais; os fundamentalismos religiosos nunca foram tão escancarados, a natureza tão ameaçada pela perturbação/destruição de ecossistemas, aquecendo o planeta e sufocando a vida e a democracia tão fortemente ameaçada por governos voltados à garantia do benefício de poucos, em detrimento da maioria, sob o olhar cúmplice da Justiça.

As questões a serem levantadas e refletidas pelas pessoas e coletivos em luta por uma sociedade para todos podem ser: são os Direitos Humanos, ainda, um instrumento capaz de transformar o medo e o desespero em esperança? V A

<sup>v</sup> Santos<sup>1</sup> considera, a partir do filósofo do sec. XVII, Baruch Espinoza, que medo sem esperança leva à desistência e esperança sem medo pode levar a uma autoconfiança destrutiva, referindo-se ao medo cada vez mais desesperançado, parte da vida cotidiana dos oprimidos, e a autoconfiança destrutiva dos opressores que transformando as fundações dos direitos humanos em ruínas mortas, caem no esquecimento; mas, se transformadas em ruínas vivas, podem alimentar um aprendizado para a ação/construção de direitos humanos contra-hegemônicos.

opressão e a violência em liberdade e solidariedade? A diferença e o preconceito em igualdade respeitosa? A desqualificação de outros saberes e culturas em reconhecimento e compartilhamento intercultural? Os invisíveis desumanizados em cidadãos de direitos? É possível proteger a vida em todas as suas formas, espécies e singularidades?

Boaventura Santos<sup>2</sup> aponta três características/caminhos na luta pelos Direitos Humanos contra-hegemônicos para o século XXI:

- a necessária luta pelos direitos fundamentais para uma vida digna – como o direito à terra, à natureza, à água, ao ar, ao alimento, à cultura em toda sua diversidade, à saúde coletiva, dentre outros. O grande desafio que se impõe é que, apesar destas serem lutas de longa duração, pois que civilizatórias, não temos todo esse tempo frente à destruição ocasionada pela voracidade do fascismo social e desenvolvimentista, entrelaçando tempo presente e futuro e exigindo insurgentes reinvenções;

- a uma necessária luta pela justiça histórica, frente à violência de outros tempos, que convoca diferentes conceitos de representatividade política, considerando que a representatividade quantitativa ou por maioria não contempla a defesa de povos que são minorias por terem sido dizimados (e continuam sendo) pelos colonizadores, e que lutam por um futuro que não é só deles, mas de todos, como por exemplo, a defesa por um planeta “vivo”;

- a necessária luta por uma globalização contra-hegemônica – e seu embate com a globalização neoliberal – com a articulação de todas as gentes e povos na/para a construção de outros caminhos emancipatórios:

*“...a desumanidade e a indignidade do humano não perdem tempo a escolher entre as lutas para destruir a aspiração humana*

*de humanidade e dignidade. O mesmo deve acontecer com todos os que lutam para que tal não aconteça”<sup>2</sup> (p.125).*

Cabe aqui, ainda, acompanhar Boaventura Santos, em suas reflexões sobre a importância do conhecimento, a partir das vivências e experiências com diversos povos e grupos oprimidos, para a construção de caminhos emancipatórios, dialogantes, políticos e contra-hegemônicos, tendo em vista que é, a partir e no campo dos conhecimentos, que se trava uma das mais importantes batalhas do século XXI, não cabendo, por isso, a omissão da ciência na defesa da justiça social.

Em seus escritos no fim dos anos 1990, Santos<sup>3</sup> propõe uma “Epistemologia do Sul”, no sentido de um paradigma capaz de apreender a experiência social no mundo, entendendo “Sul”, como uma metáfora do sofrimento social humano, produzido pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado e considerando que a “Reinvenção da Emancipação” é uma necessidade histórica e sua potencialidade está nos aprendizados advindos do/com o Sul. Configura-se, assim, outra racionalidade nos caminhos emancipatórios através de uma “Sociologia das Ausências”<sup>VI</sup>, que transforma invisibilidades em presenças, e de uma “Sociologia das Emergências”, que substitui o vazio do futuro por possibilidades diversas. Por outro lado, a identificação e revelação dessas experiências potentes exige um trabalho de “tradução”, processo fundamental para a construção de alianças e articulações entre movimentos e vivências emancipatórias, revelando sentidos e direções de transformação social e exigindo para tanto uma “Ecologia dos Saberes”, que faz entrelaçar vivências e conhecimentos distintos incorporados nas diversas realidades sociais. Na luta

<sup>VI</sup> “Sociologia das Ausências”, investigação que visa demonstrar que o que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, isto é, como uma alternativa não credível ao que existe.

pelo futuro, Santos<sup>3</sup> propõe uma democracia radical de todos os espaços-tempos, transformando relações de poder desigual em relações de respeito recíproco e solidário, com a construção de novas formas de sociabilidade amparadas por novos valores, novas concepções de mundo, nova ética, reinventando(nos) na emancipação, numa utopia crítica possível e necessária para construção de outros mundos<sup>4-5</sup>.

No Brasil, os sociólogos/militantes do “Sul”, a exemplo de Jessé Souza, consideram que o conhecimento é uma estratégia política utilizada por diferentes grupos de interesse. Numa perspectiva emancipatória, faz-se necessário o desencobrimento dos “discursos de verdade” que sustentam os grupos dominantes no poder pelo monopólio das ideias, utilizadas como práticas nas lutas pela apropriação dos capitais econômicos e políticos. Nesta perspectiva, Souza<sup>6</sup> argumenta que “...a “crítica das ideias dominantes” é a primeira trincheira de luta contra os ‘interesses dominantes’ que se perpetuam por se travestirem de supostos interesses de todos” (p.13) e afirma que o seu esforço tem sido o de utilizar o conhecimento como “arma de combate”, possibilitando ao cidadão brasileiro destituído das disposições para compreender a “ordem das coisas”<sup>7,VII</sup>, tornar-se sujeito de seu destino. À Ciência Social crítica cabe, segundo Souza<sup>6</sup>:

*“...dar voz ao sofrimento, à humilhação e à dor silenciados pelas interpretações dominantes daqueles a quem faltam armas para expressar e fazer valer sua indignação e revolta justa [...] Seu dever é, em resumo, parafraseando Pierre Bourdieu, restituir, àqueles que foram transformados em marionetes de um drama que não compreendem e do qual não são os autores, o sentido e o comando de sua própria vida” (p.251-252).*

Foi este, exatamente, o trabalho crítico desenvolvido pelo professor-pesquisador baiano Gey Espinheira<sup>VIII</sup>. Ele defendia que as Ciências Sociais precisavam estar a serviço das transformações sociais e utilizava a “Sociologia de Intervenção”, de Rémi Hess, como prática nos trabalhos desenvolvidos em comunidades periféricas de Salvador<sup>8</sup> (p.16). Considerava esta sociologia uma metodologia emancipatória, cujo campo de atuação é a vida social em determinado espaço social, com as pessoas reais, em relação, na arte das convivências, cabendo ao sociólogo “...realizar o desencobrimento, o de revelar o oculto, o de esclarecer o enigma da vida social. Reler, também, o que já conhecido poderia aparecer de outro modo aos nossos olhos” (p.26).

Para além da aparência há sempre outros sentidos, ou existências possíveis a serem reveladas e, nesse processo, nos afetamos e geramos uma ação transformadora que constrói outras existências, numa interação implicada entre pensamento, emoção e ação. “...ação de saber e de fazer, portanto de conhecer, de desencobrir”<sup>8</sup> (p.79).

Gey Espinheira destacava a convivência como essencial nesse processo de construção do conhecimento-transformação, argumentando que “...o impacto da sociologia de intervenção está no fato de que o conhecimento produzido é transmitido aos atores envolvidos para o conhecimento de si mesmos e do mundo em que estão, a partir da experiência vivida, da intervenção”<sup>9</sup> (p.71).

<sup>VII</sup> A “ordem das coisas” se refere ao que faz acontecer o discurso dominante, neoliberal, contribuindo para a realização dos futuros esperados.

<sup>VIII</sup> Carlos Geraldo d’Andrea Espinheira, também conhecido como Gey Espinheira, foi Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas -FFCH/ Centro de Recursos Humanos-CRH, da Universidade Federal da Bahia. Durante muitos anos, foi também Pesquisador Associado do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD/UFBA), onde desenvolveu inúmeras pesquisas, inaugurando novas perspectivas no campo da sociologia, relacionadas com o consumo de substâncias psicoativas. Faleceu pouco antes de completar 63 anos, em março de 2009. Seu nome foi atribuído a um dos CAPS-ad de Salvador.

Com estes autores, sociólogos militantes, aprendemos que toda resistência<sup>ix</sup> se revela no cotidiano, na relação, incontida, incontrolável, pulsante. Essa potência da vida e luta política, que só pode ser construída a partir de/no encontro e convivência entre os humanos, nas práticas cotidianas<sup>x</sup>, nos espaços possíveis – quer seja a rua, a casa, as instituições, as Universidades - tornados lugares praticados<sup>12</sup> erigidos entre as vicissitudes e as potências, entre/nos corpos que dos sofrimentos sociais fazem resistências e transformações<sup>13</sup>. O Coletivo Intercambiantes Brasil insere-se nesta dimensão, como veremos a seguir.

### **O Coletivo Intercambiantes: ativistas dos Direitos Humanos contra-hegemônicos, nos campos da Saúde Mental, álcool e outras drogas - trajetórias e movimentos**

O Coletivo Intercambiantes nasceu e se configura enquanto movimento social que articula sujeitos em luta por justiça social. Trataremos, aqui, de suas trajetórias e movimentos enquanto possibilidade de reflexão, trabalho e luta anti-hegemônica, revelados através da história e voz dos “oprimidos”<sup>xi</sup>, fundamental para a produção de outra “visão de mundo”, já que “o incons33ciente é a história – a história coletiva que produziu nossas categorias de pensamento, e a história individual por meio da qual elas nos foram inculcadas”<sup>13</sup> (p.19). Quem conta e como conta a história faz e fará toda a diferença para a construção da

<sup>ix</sup> Peter Pál Pelbart considera que existe uma potência da vida que ele chama de biopotência que compreende “as modalidades de resistência vital” que se concretizam na vida se fazendo, “...a vida em estado de variação. Esses modos menores de viver que nos habitam e que nos rodeiam e com os quais nós, na maioria, aqui, trabalhamos”<sup>10</sup> (p.19). ruínas mortas, caem no esquecimento; mas, se transformadas em ruínas vivas, podem alimentar um aprendizado para a ação/construção de direitos humanos contra-hegemônicos.

<sup>x</sup> Para Michel de Certeau<sup>11</sup>, “...o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” (p.38), com suas múltiplas táticas de resistência, silenciosas ou não, inventivas sempre, pelas quais as pessoas se reapropriam do espaço (praticado) compondo uma rede de “antidisciplina” não reconhecida formalmente, mas legítima enquanto forma de enfrentamento a ordem das coisas.

história individual e coletiva, presente e futura, de toda gente. “Contar” é colocar-se como sujeito na história, é marcar posição política no espaço social e nas lutas por existências com dignidade.

### **- ... e como tudo começou?<sup>xii</sup>**

Recorro, para iniciar este relato, à fórmula empregada por Roberto Calasso em seu livro “As Núpcias de Cadmo e Harmonia”<sup>14</sup>. Tudo tem mais de um começo, porque acode a várias memórias e circunstâncias. No caso do Coletivo Intercambiantes, não é possível atribuir seu início a uma decisão antecipadamente refletida, mas a várias histórias que confluem no tempo e que podem, a *posteriori*, ser compreendidas e resignificadas à luz de doutrinas do campo da Sociologia, como acima apresentadas.

Uma das histórias diz respeito ao trabalho construído pelo Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD), ao longo de muitos anos, sob a égide da Faculdade de Medicina da Bahia<sup>xiii</sup>, voltado para o cuidado aos usuários/ usuárias de produtos psicoativos e seus familiares. As diversas ações e invenções de seus técnicos ultrapassaram as fronteiras da cidade de Salvador e da Bahia, possibilitando que eu fosse convocado pelo Secretário Nacional de Políticas Sobre Drogas Leon Garcia, em nome de sua equipe, em 2015, para participar na condição de Consultor do Projeto Redes<sup>xiv</sup>, ocupando o mesmo

<sup>xi</sup> Colocamo-nos aqui como parte dos cidadãos do mundo oprimidos pelo capitalismo feroz e suas formas de dominação antidemocráticas, coloniais e patriarcais.

<sup>xii</sup> Toda essa história é aqui apresentada a partir do relato do autor, Antonio Nery Filho, idealizador do Coletivo Intercambiantes.

<sup>xiii</sup> O CETAD foi inaugurado em 25 de julho de 1985, no Centro Social Urbano da Caixa d’Água, equipamento da antiga Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social. Inicialmente, Atividade de Extensão do Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal, Universidade Federal da Bahia, foi transferido para o bairro do Canela em 1993. Seu fundador, Prof. Antonio Nery Filho, dirigiu este Centro até abril de 1994, quando se aposentou.

<sup>xiv</sup> Projeto REDES, desenvolvido pela Secretaria Nacional de Política Sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça entre 2014 e 2017, tinha por objetivo, fortalecer a intersetorialidade nas cinco Regiões do Brasil, envolvendo 54 municípios.

título do saudoso Antonio Lancetti<sup>XV</sup>. Deste modo, pude trabalhar com 28 localidades, reunindo gestores, técnicos dos serviços de Saúde Mental e, em particular, aqueles voltados para o cuidado de pessoas usuárias de álcool e outras drogas. Também participei de encontros com pessoas da comunidade em "sessões abertas ao público"<sup>XVI</sup>.

Minha trajetória no campo do cuidado de pessoas usuárias e com problemas de álcool, medicamentos e outras drogas foi marcada pela inabalável convicção da importância das histórias e vicissitudes humanas, longe da importância que se atribuíra - e se atribui, ainda - aos produtos psicoativos, convicção nascida da minha convivência com os 'loucos perigosos', que haviam cometido delitos graves, em geral homicídios, quando trabalhei no Manicômio Judiciário da Bahia, por dois períodos distintos<sup>XVII</sup>. Depois, com o Claude Olievenstein<sup>XVIII</sup>, fortaleci este entendimento e tive seu apoio incondicional para enfrentar as oposições e dificuldades nos trabalhos desenvolvidos, alguns inspirados em seu texto mais conhecido, "Os Drogados Não São Felizes"<sup>15</sup>. Impossível deixar de reconhecer algumas semelhanças entre nossas iniciativas, guardadas as devidas proporções e importâncias. Se em Paris, Olievenstein apontou que todo o trabalho foi difícil, aqui, abaixo do Equador, às dificuldades beiravam, às vezes, o impossível.

Sob efeito de minhas histórias, levei para o trabalho no Redes a experiência acumulada ao longo de mais de trinta anos. Em uma das primeiras reuniões em torno do Projeto, na qual estava

presente Ruth Dreifuss, ex-presidente da Suíça, discordei da expressão "sala de uso seguro", implantadas com sucesso naquele país, propondo denominá-las "sala de uso protegido", posto que não há uso seguro e sempre pode acontecer um acidente. Uso protegido, significava, protegido das diversas violências, passível de cuidados médicos e psicológicos quando problemas surtissem. Nisto, fui apoiado por Antonio Lancetti. Em outra reunião, com Leon Garcia e Melissa Azevêdo - responsável/protetora por toda minha aventura no Redes<sup>XIX</sup> -, me foi solicitado "animar as pessoas e os grupos". Entendi isto como "acender a chama do cuidado e da alegria junto aos trabalhadores". E, assim, pude reencontrar velhos amigos e fazer novos.

Em alguns lugares, encontrei equipes cansadas, desanimadas pelas imensas dificuldades oriundas de administrações que pouco entendiam das necessidades próprias do trabalho no campo da Saúde Mental e, em particular, do cuidado aos usuários de produtos psicoativos ilícitos. Em outro lugares, encontrei equipes resistentes, inventivas, incansáveis, verdadeiras equipes "irredutíveis". Com pesar, constatei a ausência, em quase todas as localidades, de atividades voltadas para a formação e supervisão permanentes, indispensáveis para o trabalho, e para a proteção da saúde física e mental dos(as) trabalhadores(as).

Enquanto transitava pelo Brasil, convocado pelas equipes que se "candidatavam" para me receber, percebia as "nuvens de tempestade"

<sup>XV</sup> Antonio Lancetti nasceu na Argentina e foi exilado político no Brasil desde 1979. Psicanalista e militante da luta antimanicomial, liderou a intervenção que fez de Santos a primeira cidade brasileira sem manicômios. Foi consultor do Ministério da Saúde e idealizador do Programa De Braços Abertos. Dirigiu a valiosa coleção SaúdeLoucura, publicada pela editora Hucitec. É autor de "Clínica Peripatética" e "Contrafissura e plasticidade psíquica". Faleceu 14 de dezembro de 2016, aos 67 anos.

<sup>XVI</sup> Embora não caiba neste texto descrever toda esta extraordinária e enriquecedora experiência, produtora de conhecimentos, efeitos e afetos.

<sup>XVII</sup> Trabalhei no antigo Manicômio Judiciário (hoje Casa de Custódia e Trata-

mento), num primeiro período entre fevereiro de 1971 e agosto de 1973, depois, entre fevereiro de 1978 e março de 1979.

<sup>XVIII</sup> Claude Olievenstein, abriu as portas do Centre Médical Marmottan, em Paris, no dia 21 de julho de 1971, orientado por princípios éticos, distanciando-se das práticas médicas autoritárias e segregadoras. Para ele, a Liberdade era fundamental e as pessoas, mais importantes do que os produtos. Ver seu livro: "Os drogados não são felizes"<sup>15</sup>. Do original francês: *Il n'y a pas de drogués heureux*. Conheci Marmottan em 1983, iniciando frutosa colaboração, sustentada durante os dez anos seguintes.

<sup>XIX</sup> Como Nara Vieira, entre outros.

que se formavam sobre a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD); aliás, que se formavam pelo país e que culminariam com o afastamento da presidente eleita Dilma Rousseff e o posterior início de um período político desastroso.

Não posso dizer que fui movido, conscientemente, por doutrinas ou movimentos políticos quando decidi registrar telefones, ao longo das viagens. Entretanto, posso assegurar que o meu fazer sempre foi político, entendendo-se aqui o "cuidado com o outro para cuidar de mim", certamente numa construção levinas/lacanianiana: nos reconhecemos na face do "outro" e, portanto, nela reconhecemos nossa condição humana, nossa autonomia, nossa finitude, naqueles que podem nos ferir.

Tinha como instrumento palpável as duas declarações universais: a de Direitos Humanos<sup>16</sup> e a de Bioética e Direitos Humanos<sup>17</sup>. Neste sentido, em julho de 2016, durante visita a São João Del Rey *et ses environs*, apresentei, a um grupo de colegas, a proposta de criação de um Coletivo que denominei "Intercambiantes Brasil"<sup>xx</sup>. Este coletivo deveria sustentar-se essencialmente na virtualidade, utilizando-se da moderna rede social WhatsApp, sendo voltado para a comunicação técnica entre profissionais interessados no cuidado de pessoas vulneráveis, usuárias ou não de psicoativos; em particular, aquelas em situação de rua sendo orientado por princípios éticos, Bioéticos e de Direitos Humanos. Além disso, teria como normas: (1) a entrada de qualquer novo ou nova "intercambiante" deveria ser feita através de convite, sem julgamento(s) de qualquer natureza, constituindo-se numa rede em que prevalecessem a ética e o afeto; (2) cada um/uma dos/das profissionais seria inteiramente livre para afastar-se do grupo e retornar, de acordo com

suas possibilidades e conveniências circunstanciais; (3) as/os participantes não representavam instituições de qualquer natureza; (4) para administrar a entrada de novos "intercambiantes" foram escolhidos três dentre os/as participantes do "encontro inaugural", sendo um realizado na Bahia, outro em São João Del Rey e outro em Recife<sup>xxi</sup>, sem qualquer outra prerrogativa de condução do Coletivo.

### - e como continuou...

Pouco a pouco, foram sendo convidadas e acolhidas pessoas de diversas regiões do Brasil. O Coletivo Intercambiantes abria progressivamente espaço para o diálogo entre experiências diversas do campo acadêmico, da labuta cotidiana, dos impasses, dos sofrimentos individuais e coletivos, do inconformismo com o des-caso de políticos e governantes, mantendo viva uma "consciência resistente", sobretudo depois do Golpe Parlamentar que destituiu a presidente eleita em 2016.

Foram associados ao Intercambiantes Brasil (Intercambiantes BR), a título de "membros estrangeiros", conhecidos trabalhadores da Argentina e do Uruguai<sup>xxi</sup>. Ao longo do tempo, alguns "intercambiantes" se mostraram mais ativos e presentes em suas manifestações, enquanto outros mais silenciosos e não menos atuantes, todos trabalhando pelos mesmos interesses: defender e promover direitos, cuidar do sofrimento físico, psíquico e social dos(as) vulnerados(as), defender as reformas Sanitária e Psiquiátrica e a Luta Anti-Manicomial.

Durante o ano de 2017, foram se constituindo Núcleos Intercambiantes em todas as cinco Regiões do Brasil, possibilitando uma grande

<sup>xx</sup> Esta nomeação me foi inspirada durante a cooperação que desenvolvi com o importante e conhecido coletivo Argentino – Intercambiós ARG, fundado em 1975, e Presidido pela Dra. Graciela Touzé.

<sup>xxi</sup> Naíde Teodósio Valois (PE), Marcelo Dalla Vecchia (MG) e Antonio Nery Filho (BA).

<sup>xxii</sup> Graciela Touzé, Jorgelina Di Iorio, Paula Goltzman e Maria Pía Pawlowicz, da Argentina; Julio Calzada e Esperanza Hernandez, do Uruguai.

circulação de informações, evidenciando, mais uma vez, a enorme diversidade social e de saúde da população brasileira. Neste mesmo ano, por iniciativa da Bahia e Pernambuco, foram desenvolvidas gestões junto à organização internacional *Open Society*, tendo em vista obter o apoio financeiro para a realização de um encontro entre os “amigos virtuais”.

O Encontro Intercambiantes Brasil, efetivamente, ocorreu nos dias 24 e 25 de novembro de 2017, com a presença de 102 participantes<sup>XXIII</sup>. Durante estes dias foi cumprida a programação orientada pelas perguntas: quem somos?, o que faremos? e como faremos?<sup>XXIV</sup>. Ao final do encontro, foi produzido, coletivamente, um documento sob forma de relatório, incluindo pequeno e significativo texto denominado “Declaração de Salvador”<sup>18</sup>, que direta e indiretamente, orientou as atividades intercambiantes dos tempos que se seguiram:

*“O Coletivo Intercambiantes BR, na ocasião de seu primeiro Encontro Nacional (realizado nos dias 24 e 25 de novembro de 2017 na cidade do Salvador/BA), declara sua determinação em fomentar e defender políticas, intervenções e cuidados, no campo de álcool e outras drogas, apoiados nos princípios gerais da Ética, da Bioética e dos Direitos Humanos.*

<sup>XXIII</sup> Estiveram representados Núcleos Intercambiantes dos estados de Pernambuco, São Paulo, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Pará, Goiás, Tocantins, Santa Catarina, Alagoas, Rio de Janeiro, Sergipe, Paraíba, Piauí, Bahia e Distrito Federal, além da participação de convidados/visitantes da Argentina, Uruguai e Canadá.

<sup>XXIV</sup> Durante a organização das atividades e divulgação do programa, sentimos necessidade de ‘uma marca’ que representasse nossos propósitos. Sugeri a utilização das figuras de Dom Quixote (...que me foi oferecido em momento precioso...), considerando o idealismo do Cavaleiro da Triste Figura - confundido com loucura - sonhador, capaz de enxergar as verdades para além das aparências, sua intransigente defesa dos mais fracos, seu amor incondicional por Dulcinea de El Toboso; seu orgulho por sua montaria, Rocinante; o fiel cuidado de Sancho com seu ‘desvairado Senhor’, as aventuras e desventuras que experimentaram. Renata Pimentel, encontrou uma frase atribuída a Dom Quixote, que serviu para nos lembrar o indispensável, como escreveu Cervantes, em Dom Quixote de La Mancha, em 1605: “Mudar o mundo meu amigo Sancho não é loucura, não é utopia, é justiça”<sup>19</sup>.

*Para tanto, orientaremos nossas ações de acordo com as seguintes diretrizes: a) Redução de Danos; b) Antiproibicionismo e fim da Guerra às Drogas; c) Reforma Psiquiátrica e Luta Antimanicomial; d) Defesa da diversidade da vida e dos modos de existir; e) Defesa dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS)”.*

### **- ...e nos tempos que correm...**

A mais significativa e constante atividade dos Intercambiantes consistiu, ao longo do tempo, nas diárias comunicações virtuais, como havia sido previsto. Teses, dissertações, referências bibliográficas, indicações de serviços, sugestões para leitura e comentários abrangendo diversos campos culturais, poesia e, evidentemente, reflexões e críticas no campo político.

Localmente, os denominados Núcleos Regionais, individual e coletivamente, promoveram e/ou participaram de atividades diversas. Contudo, não passou despercebido para muitos e muitas, a necessidade de se ultrapassar os efeitos que a comunicação produzia internamente à rede, e de avançar no sentido de tornar mais visível, para os outros níveis/grupos da sociedade brasileira, as ações desenvolvidas no campo da Saúde Mental, junto aos “vulnerados de toda ordem” e, em particular, a “gente de rua”, usuária ou não de psicoativos. Lamentavelmente, muitas atividades desenvolvidas pelos(as) intercambiantes não foram, por diversas razões, associadas ao Coletivo. Muitos foram os seminários, congressos, aulas, supervisões, atividades de rua, desenvolvidas e noticiadas diariamente através da mídia eletrônica, impossíveis de serem detalhadas neste trabalho. Entretanto, citarei, aqui, algumas iniciativas, em razão de sua repercussão local, regional e/ou nacional: a primeira, iniciada



em 2015, o programa radiofônico “Drogas, Fique por Dentro”<sup>xxv</sup>, atividade semanal que possibilitava a discussão de questões quase nunca abordadas pela grande mídia, longe do sensacionalismo redutor e causa de desinformação. Neste programa, profissionais de diversas regiões do país apresentaram, ao longo dos últimos seis anos, seus trabalhos e refletiram sobre questões de sociedade, sempre que possível, esclarecendo a importância e o lugar das substâncias psicoativas e seus consumos; a segunda atividade, denominada “Diálogos Intercambiantes”, apoiada pela Defensoria Pública da Bahia, especializada em Direitos Humanos, consistiu-se em entrevistas transmitidas ao vivo. Esta atividade, mensal, foi interrompida após sua terceira edição, tendo repercutido largamente, e, por isso, merece ser, oportunamente, retomada; a terceira atividade consistiu na ocupação de um *haut lieu* de Salvador, a pequena Igreja do Largo de Santana erguida no século XIX e situada no bairro do Rio Vermelho, local de renomadas atividades culturais e religiosas, a exemplo da festa de Iemanjá, realizada no dia 2 de fevereiro. Nesses locais, foram iniciadas, em 2019, diversas atividades denominadas “Conversando na Praça, escutando na Rua”, envolvendo saraus músico-literários, rodas de conversa em particular sobre o consumo de psicoativos e as infecções sexualmente transmissíveis (IST), “troca-troca” de livros, exposições, dentre outras intervenções sociais. Estas atividades continuam sob o modo virtual em razão da pandemia de coronavírus. Destacam-se, ainda, as atividades desenvolvidas pelo Núcleo Intercambiantes de São Paulo, capital, através de suas inúmeras atividades de rua e do fortalecimento de parcerias. Mais recentemente, inauguraram

um *blog*, através do qual têm sido divulgados textos produzidos por diversos(as) intercambiantes, além de inúmeras e importantes lives. Em maio de 2019, além dessas atividades, foi realizado o “Encontro Regional Nordeste”, envolvendo os núcleos da Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Neste importante evento foram discutidas questões relacionadas às particularidades nordestinas e locais, resultando em planejamentos e encaminhamentos voltados para o fortalecimento dos Núcleos Intercambiantes, para o desenvolvimento de atividades orientadas pela Redução de Danos, para a melhor ocupação dos espaços existentes, dentro e fora da academia, além da ampliação das atividades culturais e alianças com outras instâncias organizadas da sociedade. Cabe, também, destacar as preciosas referências bibliográficas sugeridas semanalmente, aos domingos, pelo intercambiante Wagner Caldeira Filho, do Pará.

### - ...e para onde caminhamos?...

Seguiremos no reconhecimento das potências do Coletivo Intercambiantes que se faz e refaz nos encontros respeitosos entre “todos” e com cada um, *on line* ou presencialmente, como for possível. Para além das experiências e efeitos já mencionados ao longo do texto, em um processo políticossocial contraditório marcado por avanços e recuos, afirmamos que há uma politização em prática – especialmente nesses tempos de pandemia – em torno da dor tornada luta – palavra que não é utilizada ao acaso. A atuação cotidiana do Coletivo Intercambiantes, implicado eticamente, é luta, é impulso de libertação, é movimento de resistência intenso e insistente, que exige tempo, que envolve riscos e uma ética das situações<sup>xxvi</sup> (e não das verdades e realidades

<sup>xxv</sup> Este programa, inicialmente patrocinado pela Secretaria Municipal de Saúde de Salvador, foi mantido por decisão da Direção da Rádio Metrôpole (FM 101.3 MHz), sob minha condução e contando com a participação permanente das psicólogas Patrícia Flach e Renata Pimentel e, mais recentemente, com a bioeticista e professora da Faculdade de Medicina da UFBA, a advogada Camila Vasconcelos.

<sup>xxvi</sup> Diz Badiou<sup>20</sup>, em relação à Ética: “...vamos referi-la a situações. Em lugar de fazer dela uma dimensão de piedade pelas vítimas, torná-la-emos a máxima duradoura de processos singulares. Em lugar de pôr em jogo apenas a boa consciência conservadora, traremos à tona o destino das verdades (p.17)”.

sempre temporárias e diversas)<sup>20</sup>; também envolve investimento entre humanos para que mudanças cognitivas, perceptivas e corporais sejam habilitadas nos/pelos sujeitos em interação, nesse campo que é sempre um campo político, pois, como afirmava Rosemeire Silva (*in memoria*): “Já não nos contentamos em assistir passivamente aos efeitos da fome e da miséria, da violência e da morte como destino único para brasileiros desprivilegiados. Estamos em luta”<sup>21</sup> (p.132).

Assinalemos, para não concluir, a importância e contribuição da Bioética – entendida em sua proposição inicial como “uma ética de proteção da vida” – para nossos movimentos intercambiantes, como foi afirmado na “Declaração de Salvador”<sup>18</sup>, nas situações compartilhadas e refletidas, nas estratégias de resistência planejadas e implementadas de várias formas e em vários espaços – inclusive aqui –, pois que são as denúncias bioéticas que suscitam discussões e a busca de soluções em uma perspectiva da ética aplicada às situações da vida cotidiana. As atuações do Coletivo Intercambiantes apoiam-se, em sua essência, na Bioética, na medida em que trata do sofrimento social, existencialmente humano, na/para proteção dos oprimidos e na construção conjunta de saídas coletivas, com respeito à autonomia, às singularidades contextuais e às liberdades individuais, num movimento de luta e resistência política, considerando que não existe neutralidade – mas sim radicalidade – como evidenciam duas das Escolas Bioéticas Brasileiras: de Intervenção e de Proteção<sup>xxvii</sup>.

<sup>xxvii</sup> A Bioética de Intervenção foi proposta em 2002, pelos Professores Volney Garrafa e Dora Porto<sup>22</sup>, e se caracteriza pela inclusão neste campo, das situações persistentes e situações emergentes, próprias aos países do Hemisfério Sul, enquanto que a Bioética da Proteção, proposta por Firmim Schramm e Miguel Kottow<sup>23</sup>, sustenta ser responsabilidade do Estado, proteger os vulnerados/vulneradas (feridos/as).

<sup>xxviii</sup> Narrativas descritas pela autora Eroy Aparecida da Silva, a partir de seus registros no diário de campo por suas itinerâncias intercambiantes em vários bairros periféricos da cidade de São Paulo.

### **Caminhando sob a proteção ética, para construções emancipatórias: encontros nas ruas - a vida pulsa<sup>xxviii</sup>**

Como intercambiante e ativista dos direitos humanos trabalhando e transitando pelas ruas da cidade de São Paulo, escutando e acolhendo pessoas excluídas usuárias de substâncias psicoativas e lutando por anos em defesa de políticas antiproibicionistas e antirracistas, construídas nas potências dos encontros entre pessoas, no meio de lixos, escombros, “árvores habitacionais”, matagais, barracas, malocas e/ou em buracos escuros secretos, meus olhos já assistiram muitas tragédias e meus ouvidos escutaram narrativas inacreditáveis. Estes locais são “abrigos criativamente” arquitetados como alternativa de moradias nos bairros longínquos e periféricos nas grandes cidades. Imprescindíveis à escuta e ao acolhimento, com uma postura (bio)ética para iniciarmos o trabalho de cuidado orientado pelas práticas protetivas emancipatórias; ou seja, uma aposta e crença na potência dos humanos mesmo frente às atrocidades físicas, econômicas e sociais. Vários sentimentos paradoxais tomam conta de mim, porque os cenários são vivos, verdadeiros e representativos do mais completo estado de desamparo e abandono. Mas, ao mesmo tempo, muita vida resistente, trabalho, luta diária contra a investida policial que retira seus poucos pertences, encontros solidários entre eles mesmos e, também, aonde as substâncias psicoativas estão presentes, talvez como um apelo ou caminho para o sonho e a vida! Em meio aos escombros, a vida pulsa! E insiste em continuar...

Muitas histórias de pessoas que encontrei vivendo nas ruas da cidade poderiam ser narradas aqui, são muitas... tragédias, vidas matadas, des(amores), nascimento de filhos na rua; “noitadas noiadas”, desaparecimentos de pessoas, documentos e identidades perdidas, comemorações

de encontro com os irmãos de rua, violência relacionais/familiares e de Estado, fugas, prisões, solturas, encontro de familiares desaparecidos por muito tempo, internações, perda de memória e identidade, doenças, mortes...

Selecionei apenas algumas delas para ilustrar as minhas itinerâncias nas ruas, acompanhando e intervencionando equipes de profissionais ou coletivos que militam em defesa da vida. A rua é um espaço de encontros humanos! São eles que importam, me transformam e, também, vezes sim e outras não, fazem da rua, casa, não porque “optaram” por isso, mas por condições adversas de um contexto social em que a vida humana se coisifica.

#### - a casa entre árvores:

Meu encontro com Letrado, 38 anos, negro, baiano, separado, sem filhos, morando na rua desde os 23 anos de idade, se deu em 2019, através de uma equipe de redutores de danos que atuava com ele. Fui incluída no seu grupo sem enfrentar nenhuma resistência. Ele mora em uma mata na região sul da cidade de São Paulo, com seu cachorro Piloto, junto com mais dois amigos e uma amiga. Eles se conheceram na rua, em 2018, e cansados de dormir em viadutos aonde comumente viviam e tinham seus pertences roubados ou retirados por policiais, perceberam existir em plena cidade uma mata. Então, porque não conhecê-la e construir seus barracos? Letrado é o apelido que o grupo lhe deu porque, além de gostar bastante de *funk*, lê também notícias de jornais e revistas que acha nas ruas, mesmo que sejam antigas.

Letrado foi me contando sobre sua vida. Tinha um caderno, em que escrevia algumas idéias que lhe vinham à cabeça, principalmente quando estava “meio alto” de pinga barata Corote, ou chapado de maconha. Após “a brisa”, no

dia seguinte, rasgava os papéis porque achava que aquilo era algo sem importância nenhuma, bobagens de sua cabeça. Ao perceber que gostava de tudo isso, eu o convidei a não rasgar mais as histórias que escrevia. Sua história rendeu mais de duzentas e cinquenta páginas!

Aos poucos, ele foi escrevendo sobre sua própria vida e como chegou a São Paulo. Lembrou da primeira namorada, ainda em Ilhéus, na Bahia, com quem começou a fumar maconha aos 16 anos e a beber socialmente. Seus pais bebiam muito e batiam nos filhos com a intenção de educá-los, ambos faleceram em Ilhéus, quase que simultaneamente, quando ele tinha uns 18 anos; o pai morreu primeiro, de tanto beber cachaça, e a mãe, nove meses depois, também de beber. Ele tinha muita raiva de apanhar, às vezes até sem saber por quê, pois quando os pais “pegavam para bater” em um, todos apanhavam. Caçula de quatro filhos, todos homens, assim que os pais faleceram, os três irmãos mais velhos partiram para o garimpo, nunca mais os encontrou e não sabe onde estão. Ele ficou morando na casa de uma vizinha em Ilhéus, cujos dois filhos estudaram com ele e lá tomou gosto pela leitura. Mas, sentia que precisava ir embora; queria mesmo era viver na cidade grande, sonhava muito com prédios altos, ter liberdade, não morar na casa dos outros. Trabalhou como pedreiro em Ilhéus, ganhou um pouco de dinheiro para poder sair dali. Muitas lembranças tristes e de maus tratos. Um belo dia, colocou “as trouxas” nas costas e de carona seguiu para São Paulo. Demorou mais de vinte dias viajando. Quando chegou ao Mercado Municipal, aonde o caminhão da carona o deixou, ficou espantado com os prédios que via: eram semelhantes aos dos seus sonhos. Demorou-se sentado ali, se perguntando para onde iria. Tinha um pouco de dinheiro, mas não muito. Resolveu ficar por ali mesmo. Lembra, com emoção, que

ficava encantado vendo a Catedral da Sé. Passou a trabalhar descarregando caminhões no Mercado Municipal e a dormir na rua para economizar. À noite, tudo tem movimento no centro de São Paulo; e foi logo se juntando aos outros companheiros, também carregadores, que foram lhe apresentando a cidade, principalmente a região da Luz. Ali, passava a noite bebendo e com as “mulheres da vida” que foram suas grandes amigas. Se divertia muito, até antes de se apaixonar por uma delas, com quem passou a morar em um “mocózinho” no Centro e a continuar o trabalho de descarregar caminhões. Com esta mulher, segundo seu relato, começou sua “perdição”. Tinha muito ciúmes dela com outros homens, passou a bater nela, fumar pedra com ela; depois, com outras, aumentou a bebida. Quando ela estava se arrumando para ir trabalhar, começava a loucura dele: a seguia e, por diversas vezes, pensou em matá-la. Um belo dia, chegou ao “mocó” cansado e não havia ninguém. Ela tinha ido embora, desapareceu. Ele diz que ainda a procura em muitos lugares, mas, nunca mais a encontrou. Precisava sair dali do Centro, porque não aguentava a dor de procurar e não encontrá-la mais. Por sugestão de alguns amigos de rua, foi para a periferia da Zona Sul da cidade. A princípio, morava em um pequeno quarto e fazia bicos de pedreiro; depois, trabalhou na construção civil e aos finais de semana encontrava com todas “as mulheres da vida”, com as quais bebia e fumava pedras de crack. O centro da cidade tem mais trabalho, mas tudo é mais caro. Por uns quatro anos foi assim, até perder o trabalho e ir morar na rua definitivamente. Bebia e fumava crack, mas trabalhava e tinha seu próprio dinheiro, teve outras mulheres, várias, mas, nunca mais sentiu amor como com a primeira:

*“...me enlouqueceu aquela mulher, até hoje sonho com ela, acho que ainda amo*

*ela. Escrever me fez lembrar dela, Bandida como eu a chamava. Nosso amor era bandido, mas eu gostava. A vida nas ruas tem muitas coisas ruins, mas também várias outras boas, porque nelas não existem barreiras, proibições como nos abrigos por exemplo. Nestes anos todos aprendi muito com os irmãos da rua. Estes três escudeiros, que estão comigo, eu conheci na rua, morando junto nos viadutos, nos juntamos e viemos para cá, porque aqui dentro da mata, tamo sossegados, eu tenho também meu cachorro, o Piloto. Aqui sinto que é minha casa, não tenho a preocupação de dormir deitado em cima da mochila para não ser roubado, como as vezes é a rua. Eu fiz minha casa suspensa entre estas duas árvores, as únicas pessoas que nos visitam são vocês, é muito bom quando estão aqui escutando a gente, se interessam por nós, é um interesse verdadeiro mesmo. Não vem com os “conselhos de almanques”. É encontro do coração como eu escrevi aqui. Chegam aqui se preocupam com nossa vida e saúde, até mais do que a gente mesmo.*

*Aqui é ruim apenas quando chove, eu que moro entre as arvores preciso jogar uma lona, e também não posso descer para trabalhar porque fica tudo “lameado”, conhecemos toda a mata, ela não é grande. Eu não preciso de muito para viver, gasto pouco. Ganho para comprar a minha cachaça, mas já diminui muito de beber, por minha conta mesmo, e as pedras também posso dizer que comparado ao que já fumei, hoje fumo muito menos. Não adianta a pessoa querer convencer a outra de parar de beber, fumar cigarro ou fumar pedra. A pessoa tem que sentir lá de dentro*

dela o que é bom pra ela mesma. To percebendo que o meu caderno está ficando cheio das minhas histórias ou será que são as memórias? Eu acho que pode ser as duas coisas, antes eu achava que as pessoas que viviam nas ruas não tinham histórias, nem memórias quando parei de rasgar as folhas do meu caderno, eu fui juntando as partes da minha vida inteira. Eu comecei agora a fazer alguns desenhos junto com as histórias, eu estou tomando gosto pelo desenho, eu levava muito jeito para desenhar quando era jovem, mas a situação não favoreceu que eu levasse este gosto adiante. Fico aqui esperando quando vocês chegam para eu conversar, essa conversa tem mudado minha vida. Muitas vezes chega o dia de conversarmos eu estou trabalhando seja no farol vendendo água, ou catando papelão lembro: vou voltar para minha casa na arvore e esperar a escutadora. Sim, você é minha escutadora, nem eu mesmo havia me escutado antes. Imagine eu escrevia minhas histórias amassava e jogava fora. Eu estava me jogando fora. Agora não me jogo mais fora. Essa semana depois que conversamos eu fiquei pensando de talvez daqui um tempo voltar para a construção civil, arrumar um lugarzinho para eu, Piloto e os escudeiros irmos morar, todos trabalhando pode ser mais fácil. Voltei a sonhar e desta vez não foi mais com a Bandida, mas comigo” (Letrado, 2018).

#### **- o “Chefe do Pedaco”:**

Duas a três vezes por semana, antes da pandemia do Coronavírus, ocorriam as conversas de rua e, mensalmente, um encontro nas praças, comunidades, ou matas aonde comumente eu e

uma equipe de profissionais especializados em intervenções comunitárias desenvolvemos um trabalho de escuta e acolhimento, com quem ali está vivendo. É difícil? Sim, mas também é um compromisso clínico-político de encontrar tempo para escutar as histórias das pessoas que estão habitando as ruas, sempre buscando conhecer o que elas próprias querem.

Em meados de dezembro de 2019, as seis horas da manhã, rumo para uma pequena favela de um bairro muito periférico da cidade de São Paulo, para estar lá oito e meia, no nosso “ponto de encontro”. Na mochila, carrego sempre preservativos, cachimbos novos, protetores labiais e água; são os insumos mais requisitados, tanto nas ruas como nas comunidades, principalmente no calor.

É um lugar definitivamente esquecido, no extremo sul da cidade. Muito lixo e escombros. Um território marcadamente dominado por disputas de toda natureza. Eu e alguns companheiros de trabalho chegamos devagarinho, por intermédio de duas colegas que lá estavam e que foram aceitas. Trabalho cuidadoso; “é muito perigoso este lugar”, ouvíamos constantemente dos colegas. Demoramos aproximadamente um mês para fazer nossas vinculações; estávamos lá todas as semanas. Nos apresentaram o “Chefe do Pedaco”. Nos recebeu, conversamos sobre nossos objetivos e ele deu permissão para que permanêssemos lá; ele ficaria conosco. Ali estava o início de uma grande parceria, nesta comunidade.

O Chefe, um homem negro, quarenta e três anos, morando na comunidade aproximadamente há doze anos, inteligente, amante de música principalmente o *soul*, gosta de cinema, separado, pai de um filho, olhar de lince, presta atenção em tudo. Trabalha como “faz tudo”, tem as mãos calejadas pelo trabalho. Ele nasceu em São Paulo, tem mais sete irmãos, três homens

e quatro mulheres; ele é o quinto filho, mas também poderia ser, como disse, o “esquinto dos infernos”.

A princípio carrancudo e sério, com o decorrer do tempo se revelou dançarino, engenhoso, poeta e cantor. Começou a me contar sua história depois de mais de dois meses de meu trabalho na comunidade. Foi o primeiro a chegar nesta comunidade, quando tudo ainda era mato, há mais de 12 anos, e montar seu barraco. Passou a morar lá, após sua mulher ter abandonado a casa e levado o filho junto; até hoje não tem a menor idéia por onde eles andam. Depois, outras pessoas foram chegando; e hoje ninguém sabe ao certo quantas pessoas vivem ali; é fluante, tem muita gente que entra e sai. Seus pais morreram e ele teve várias “tretas” com os irmãos por causa de herança, mas com a saída da mulher de casa, achou que a rua era o seu lugar; porque nas ruas “as tretas são resolvidas na hora e depois fica tudo bem”. Me contou que as pessoas na rua são mais livres, mais desprendidas porque estão todos na mesma situação, formando uma irmandade. Também me disse que para “aguentar” a vida da rua não é fácil: “tem a irmandade mas também tem muitas maldades, muitas traições e caguetagens”. Ele passou a beber muito depois da separação, “travou geral”; bebia até cair nas ruas sem direção e várias vezes acordou na cadeia. Fumou maconha, tomou rebites, bebia à noite e trabalhava “rebitado”.

O barraco do Chefe é minúsculo, apenas os plásticos o mantêm, capengamente, em pé; e ninguém pode entrar. Também, a princípio, foram combinadas as regras para a nossa permanência lá. Sempre cumprimos à risca, “palavra é palavra”. Atualmente, podemos caminhar por lá sem qualquer senha; mas, no princípio, tudo foi muito acertado.

O Chefe começou a estar conosco,

sempre de roupas pretas; austero, acompanhava as nossas atividades que, a princípio, se resumiam a ouvir as histórias das pessoas. Muitos ali com tuberculose e/ou com outros problemas pulmonares, feridas no corpo ou no coração. Nas rodas de escuta e conversa, eram levantadas todas as histórias; obviamente aquelas que quisessem contar. Com o tempo, fomos ampliando o trabalho e a pedido deles passamos a levar violão e a cantar. Passamos a fazer também os nossos cafés e almoços coletivos.

Álcool barato é a substância mais consumida, mas, como o próprio chefe diz:

*“...a cachaça e a pedra são as nossas diversões, mas aqui também temos nossas regras, trabalhamos; nossas carroças podem ficar perto de nós assim como os bichos; já perceberam como aqui tem bichos? Os “noiados” adoram os bichos, cachorros e gatos principalmente”* (Chefe, 2019).

Entramos aos poucos na comunidade e lá estamos, com nosso trabalho de escuta, músicas, danças, arte-cultura, bazares, almoços ao ar livre e os cafés. Outras equipes se juntaram a nós e o Chefe, conforme ele mesmo diz, “nos adotou: “deixei de usar roupas pretas, eram muito pesadas; talvez como estava a minha vida”. Seu barraco foi totalmente transformado e têm, agora, dois cômodos. Atualmente, ele é um redutor de danos na sua comunidade. Nós acolhemos sua chefia e ele nos acolheu. O trabalho desenvolvido lá somente é possível, porque ele e a sua história permitiram; e se misturaram a outras histórias que, como a dele, podem se transformar.

#### **- a grávida imaginária:**

Transitando em uma cena de uso na Região Oeste da cidade, encontrei Luiza e começamos a conversar. Tem 32 anos, com aparência de

bem mais velha. Um olhar profundo estampado, de sofrimento e desamparo. É mineira de Belo Horizonte. Vem de uma família pobre; o pai, ela não conheceu, e a mãe a deixou juntamente com o irmão dois anos mais velho, com os avós maternos, quando eles eram ainda crianças; sumiu no mundo com um grupo de ciganos e nunca mais voltou. Começou a trabalhar em casa de família, cedo, para ajudar os avós. Quando tinha 17 anos engravidou de um homem casado e 20 anos mais velho do que ela; um vizinho dos avós. Ele não quis ter a criança e providenciaram, através de uma conhecida dele, parteira, o abortamento. Ela passou muito mal e quase morreu de tristeza porque queria ter o filho, mas foi ameaçada - até de morte - pelo amante, que a abandonou em seguida. Uns quatro meses depois, perdeu o avô; seu irmão casou e mudou para Corumbá; a avó foi morar com um tio materno, numa casa aonde não tinha lugar para ela.

Ficou nas ruas do centro de Belo Horizonte por alguns dias e conheceu uma amiga que trabalhava em uma boate; ela lhe fez o convite para trabalhar lá, porque era possível morar no local e fazerem programas noturnos com os clientes; ganhariam mais dinheiro. Como achava que tinha um corpo bonito e, para não ficar na rua, aceitou o convite. Conseguiu ficar lá um ano, depois não aguentou mais; passou a beber bastante e a cheirar cocaína para aguentar o trabalho, aprendeu a dançar e a cantar, mas ganhava pouco para o tanto de homens que atendia. Tinha que deixar quase tudo no trabalho. Um pouco antes de sair de lá conheceu um caminhoneiro paulistano, que lhe ofereceu carona para vir para São Paulo, porque aqui teria chance de ganhar mais dinheiro.

Não teve dúvida, veio, com a cara e a coragem. Há 12 anos está vivendo em São Paulo. O caminhoneiro lhe ofereceu sua casa para morar, enquanto ela arrumava trabalho. Começaram a

namorar e ela engravidou no segundo mês morando com ele. Entretanto, perdeu o bebê. E “até não gostava muito dele”, mas, ter engravidado lhe trouxe alegria. Com a interrupção da gravidez achava que precisava ir para outro lugar; foi ficando insuportável continuar com o caminhoneiro; ele viajava e ela ficava muito sozinha, morando em um quarto pequeno, mofado e sombrio. Começou a fazer pequenos programas com alguns homens que encontrava ali por perto de sua casa, até ir trabalhar à noite em algumas ruas da cidade, como profissional do sexo, porque ganhava mais. Trabalhava dia e noite e, por uns quatro anos, ganhou algum dinheiro, passando a ter um quarto melhor aonde atendia seus clientes. Bebia constantemente porque nas atividades com homens na noite é necessário beber, não tem jeito e às vezes cheirava cocaína.

Até que conheceu um cliente traficante e se apaixonou perdidamente por ele. Por uns seis meses, foi muito bom, ele a levava para jantar em lugares bonitos que ela jamais pensou em ir. Mas, começou a lhe fazer ‘propostas estranhas’ que passasse a transar com mais homens juntos. Nesses programas, começou a fumar *crack* e engravidou novamente. Seu namorado traficante estava ficando cada vez mais desinteressante e violento e, quando ela engravidou, “encanou” que o filho não era dele e passou a agredi-la. Em uma das brigas, quando ela já estava entre três e quatro meses de gravidez, foi espancada pelo companheiro e perdeu o bebê. Depois que perdeu este filho saiu do hospital e foi morar na rua: embaixo dos viadutos seria melhor do que voltar para casa; já estava bastante comprometida com o uso do *crack*.

Passou a fazer programas para comprar o *crack*, era uma estratégia de vida. Conta que era sempre aconselhada e cuidada pelas equipes de rua (de acolhimento), para manejar o uso, mas

não conseguia; ela se apaixonou pelo crack:

*“Não era o crack, era eu mesma que queria ele. Gostava e até esperava as pessoas, para conversar, porque “falar é muito bom, quando as pessoas escutam a gente. Podia falar a verdade, sem mentir” (Luzia).*

Dizia que o crack a ajudava a ter esperanças. Passou a ter sonhos quase diários com os bebês que havia perdido e então se via grávida. Olhava no espelho e via a barriga de grávida e achou que estava enlouquecendo; quando ficava menstruada se decepcionava, mas continuava acreditando que estava grávida. Continuou na rua, reencontrou seu parceiro traficante, ainda tentaram ficar juntos, mas “já tinha passado a hora”; ele tentou tirá-la da rua, mas ela não acreditava mais nele. Fiquei sem encontrar Luiza por várias semanas, apesar de procura-lá. Soube, através de sua amiga, que ela foi “desaparecida” pelo ex-companheiro. O silêncio impera, Luiza morreu sem ter o filho ora desejado ora negado. Descanse Luiza, em paz. A eternidade irá protegê-la, para sempre.

### Considerações finais

A construção de vínculos de confiança entre as equipes e as pessoas que estão vivendo nas ruas é fundamental para o desenvolvimento de qualquer projeto baseado em propostas contra-hegemônicas e emancipadoras. A Redução de Danos, aqui, está implicada também nos paradigmas das Reformas Psiquiátrica e Sanitária, em situações em que nada está pronto ou pré-determinado. Os acordos são construídos a partir dos contextos da rua, com flexibilidade, escuta qualificada e acolhimento dos sofrimentos das pessoas e seus usos de substâncias psicoativas, legais e/ou ilegais.

O trabalho deve ser guiado pelas demandas dos que vivem nas ruas, pelo que querem. A construção de mini-equipes de trabalho é importante para a aproximação e o acolhimento, incluindo, aqui, redutores e redutoras de danos; equipes de referência, através de uma contextualização ampliada da pessoa. Articulações com as redes de Justiça (acesso à Justiça), Saúde, Educação e Assistência Social são fundamentais no fortalecimento da autonomia das pessoas que nunca tiveram ou não têm mais documentos e referências e para aquelas que são encarceradas injustamente ou estão em situação de custódia, e que, por isso, perderam seus direitos básicos de existir. Acompanhá-los presencialmente faz parte desta construção de luta pela garantia de direitos e de preservação da existência. Isto não é possível sem afeto, disponibilidade, confiança e laços construídos nos “bons encontros” entre humanos, restauradores e transformadores.

As “coisas sem importância” para o Estado atual “desprotetor”, são, para nós do Coletivo Intercambiantes Brasil, uma fonte produtora de resistência. Estamos em luta, contínua e permanente.

### Referências

1. Santos BS. Para uma nova declaração universal dos direitos humanos I. *Jornal de Letras*. 2020; 28. (on line). [acesso em 13 set 2020]. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Para%20uma%20nova%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos\\_JL\\_15Jan20.pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Para%20uma%20nova%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos_JL_15Jan20.pdf)
2. Santos BS. Direitos humanos, democracia e desenvolvimento. In: Santos BS, Chauí M. *Direitos humanos, democracia e desenvolvimento*. 1ª ed. São Paulo: Cortez; 2013.
3. Santos BV. *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. New York: Routledge; 1995.



4. Santos BS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estud. CEBRAP*. 2007; 79:71-94.
5. Carvalho AMP. Pensamento de Boaventura de Sousa Santos em foco: a reinvenção da emancipação em tempos contemporâneos. *Seminários Diálogos Jurídicos*. Fortaleza: UFC; 2009. (on line). [acesso em: 13 set 2020]. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/as-minhas-escolhas.php>
6. Souza J. A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo: Le Ya; 2015.
7. Bourdieu P. *Meditações pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.
8. Espinheira G. Metodologia e prática do trabalho em comunidade ficção do real: observar, deduzir e explicar: esboço da metodologia de pesquisa. Salvador: EDUFBA; 2008. 138p.
9. Espinheira G. (org.) *Sociedade do medo: teoria e método da análise sociológica em bairros populares de Salvador: juventude, pobreza e violência*. Salvador: EDUFBA; 2008. 266p.
10. Pelbart PP. Um convite à cultura: nem o império da ordem, nem a inércia do caos. *Cadernos de Saúde Mental*. In: Lobosque AM. (org.). *Encontro nacional de Saúde Mental*. Belo Horizonte. 2006. Belo Horizonte: ESP-MG; 2007. v.1. p 11-20.
11. Certeau M. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Ed. Petrópolis/Vozes; 2014.
12. Von Flach PM. Experiências de sofrimento social e movimentos de resistência entre trabalhadores e gente de rua (usuários de álcool e outras drogas), na Praça das Duas Mãos. (Tese). Universidade Federal da Bahia. Salvador; 2019. 327p.
13. Bourdieu P. *Meditações pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.
14. Calasso R. *As núpcias de Cadmo e Harmonia: mitos*. Tradução de Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras; 1990
15. Olievenstein C. *Os drogados não são felizes*. Trad. Marina Camargo Celidonio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1977. 328p.
16. Organização das Nações Unidas (ONU). *Declaração dos direitos do homem*. Geenebra; 1948. (on line). [acesso em: 15 out 2020]. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>
17. Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). *Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos*. Paris; 2005. (on line). [acesso em: 15 out 2020]. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao\\_univ\\_bioetica\\_dir\\_hum.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_univ_bioetica_dir_hum.pdf)
18. *Coletivo Intercambiantes. Declaração de Salvador*. Salvador: Encontro Intercambiantes Brasil; de 2017.
19. Saavedra MC. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Edição, Madrid. 1605).
20. Badiou A. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Trad. Antônio Transito e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1995. 100p.
21. Silva R. Loucura e cidadania: por um país de todos os homens. In. Lobosque AM. *Cadernos de Saúde Mental – Encontro Nacional de Saúde Mental*. Belo Horizonte: ESP/MG; 2007. vol.1. p.131-136. (on line). [acesso em: 15 out 2020]. Disponível em: <http://www.esp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2009/06/caderno-saude-mental.pdf>
22. Garrafa V, Porto D. Bioética poder e injustiça: por uma ética de intervenção. *Mundo da Saúde*. 2002; 26 (1):6-15.
23. Schramm FR, Kottow M. Principios bioéticos en salud pública: limitaciones y propuestas. *Cad. Saúd Públ*. 2001; 17(4):949-956. (on line). [acesso em: 13 set 2010]. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2001000400029&script=sci\\_abstract&tlng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2001000400029&script=sci_abstract&tlng=es)